

Trecho da introdução de Bhikkhu Bodhi na obra *The Middle Length Discourses of the Buddha: A new translation of the Majjhima Nikaya*. Buddhist Publication Society.¹

Kamma e renascimento

De acordo com o ensinamento do Buda, todos os seres – exceto os *arahants* – estão sujeitos à “renovação do ser no futuro” (*punabbhava*), ou seja, ao renascimento. Renascimento, na perspectiva budista, não é a transmigração de um eu ou de uma alma, mas a continuação de um processo, um fluxo de existência no qual vidas sucessivas estão conectadas entre si por uma transmissão causal de influência, e não por uma identidade substancial. O padrão causal básico subjacente ao processo é definido pelo ensinamento da originação dependente, que também apresenta como o renascimento é possível sem que haja um eu a reencarnar.

O processo do renascimento, ensina o Buda, apresenta uma operação definida baseada em leis, de caráter essencialmente ético. Este caráter ético é estabelecido pelo dinamismo fundamental que determina os estados nos quais os seres renascem e as circunstâncias com que se defrontam no decorrer de suas vidas. Tal dinamismo é o *kamma*, a ação volitiva de corpo, fala e mente. Os seres que se envolvem em más ações – ações motivadas pelas três raízes não virtuosas da ganância, do ódio e da delusão – produzem um *kamma* não virtuoso que os conduz ao renascimento em estados inferiores de existência e, caso esse *kamma* amadureça no mundo humano, resulta em dor e infortúnio. Os seres que se envolvem em boas ações – ações motivadas pelas três raízes da não ganância, do não ódio e da não delusão – produzem um *kamma* virtuoso que os conduz a estados mais elevados de existência e amadurece no mundo humano na forma de prazer e boa fortuna. Uma vez que as ações que uma pessoa realiza ao longo de uma única vida podem ser extremamente variadas, o tipo de renascimento que a espera pode ser bastante imprevisível, como o Buda apresenta no MN 136. No entanto, apesar desta variabilidade empírica, uma lei invariável governa a relação direta entre os tipos de ações e os tipos de resultados gerados por elas. As correlações básicas entre ambos são esboçadas pelo Buda no MN 57 e apresentadas com mais detalhes no MN 135.

Em muitos suttas do *Majjhima Nikaya*, o Buda faz referência a diversos planos de existência nos quais o renascimento pode ocorrer, bem como oferece algumas indicações dos tipos de *kamma* que conduzem a tais planos. Esta

¹ Tradução para o português: Caroline Souza (Grupo de tradução CEBC). Tradução preparada para fins exclusivos de estudo. Favor não compartilhar.

tipografia cosmológica não é, desde a perspectiva budista, o produto de uma conjectura ou fantasia, mas trata-se de algo diretamente conhecido pelo Buda por meio de seus “poderes de conhecimento do Tathagata” (MN 12.36). Em alguma medida, esse processo também é verificável por aqueles que alcançaram o olho divino (e.g., MN 39.20). Aqui, será apresentado um breve panorama dos planos de renascimento reconhecidos na cosmologia budista e de seus antecedentes kármicos, tal qual sistematizado na tradição Theravada que foi desenvolvida.

O cosmos budista é dividido em três amplos reinos – o reino da esfera sensorial, o reino da matéria sutil e o reino imaterial. Cada um deles compreende uma gama de planos subsidiários, totalizando trinta e um planos de existência.

O reino da esfera sensorial, assim chamado por lá predominar o desejo sensorial, consiste em onze planos divididos em dois grupos, os maus destinos e os bons destinos. Os maus destinos, ou “estados de privação” (*apaya*), são quatro: os infernos, que correspondem a estados de intenso tormento, tal qual descrito no MN 129 e no MN 130; o reino animal; a esfera dos fantasmas (*peta*), seres afligidos por fome e sede incessantes; e a esfera dos titãs (*asura*), seres envolvidos em constante combate (não são mencionados como um plano separado no Majjhima). Os tipos de kamma que conduzem ao renascimento nesses três planos são classificados em um conjunto de dez – três de corpo, quatro de fala e três de mente. Estes são resumidamente enumerados no MN 9.4 e explicados no MN 41. Gradações da gravidade das intenções negativas refletem em diferenças específicas no modo de renascimento resultante de tais ações.

Os bons destinos no reino da esfera sensorial abarcam o mundo humano e os planos celestiais. Os últimos dividem-se em seis: os deuses sob os Quatro Grandes Reis; os deuses dos Trinta e Três (*tavatimsa*), que são presididos por Sakka, uma metamorfose budista de Indra, representado como um devoto do Buda que é dotado de fé, mas tende à negligência (MN 37); os deuses Yama; os deuses do céu de Tusita, a morada do *Bodhisatta* antes de seu nascimento final (MN 123); os deuses que se deleitam em criar; e os deuses que exercem poder sobre as criações dos outros. É dito que esta última é a morada de Mara, o Tentador no Budismo – que, além de ser um símbolo do Desejo e da Morte, também é considerado uma deidade poderosa com desígnios malévolos, que busca impedir que os seres escapem da rede do *samsāra*. A causa kármica do renascimento nos bons destinos do reino da esfera sensorial é a prática dos dez tipos de ações virtuosas, definidos no MN 9.8 e no MN 41.

No reino da matéria sutil, os tipos mais grosseiros de matéria estão ausentes; em contrapartida, a felicidade, o poder, a luminosidade e a vitalidade de seus habitantes são muito superiores àqueles do reino da esfera sensorial. O reino da matéria sutil consiste em dezesseis planos, que são os equivalentes objetivos dos quatro *jhanas*. O atingimento do primeiro *jhana* conduz ao renascimento entre a Assembleia de Brahma, os Ministros de Brahma e os Maha Brahmas, de acordo com o grau de atingimento – inferior, mediano ou superior. Baka o Brahma (MN 49) e Brahma Sahampati (MN 26, MN 67) parecem ser residentes deste último plano. Os suttas mencionam as moradas divinas, especialmente, como o caminho para se estar na companhia de Brahma (MN 99.24-27). O atingimento do segundo *jhana*, segundo os mesmos três graus, conduz, respectivamente, ao renascimento entre os deuses da Radiância Limitada, da Radiância Imensurável e da Radiância Que Emana. O terceiro *jhana* conduz ao renascimento entre os deuses da Glória Limitada, da Glória Imensurável e da Glória Refulgente. O quarto *jhana* normalmente conduz ao renascimento entre os deuses do Grande Fruto, mas se é desenvolvido a partir de um desejo de alcançar um modo de existência insenciente, ele conduzirá ao renascimento entre os seres não perceptivos, para os quais a consciência se encontra temporariamente suspensa. O reino da matéria sutil também contém cinco planos especiais que são exclusivamente para o renascimento daqueles que não retornam. Estas são as Moradas Puras – Aviha, Atappa, Sudassa, Sudassi e Akanittha. Em cada um dos planos do reino da matéria sutil, é dito que o tempo de vida é imenso, aumentando significativamente a cada plano mais elevado.

O terceiro reino da existência é o reino imaterial, onde a matéria se tornou não existente, apenas existindo processos mentais. Este reino consiste em quatro planos, que são os equivalentes objetivos dos quatro atingimentos meditativos imateriais, dos quais eles resultam e cujos nomes compartilham: as bases do espaço infinito, da consciência infinita, do nada e da nem-percepção-nem-não-percepção. Os tempos de vida atribuídos a eles são, respectivamente, 20.000, 40.000, 60.000 e 84.000 grandes éons.

Na cosmologia budista, a existência em cada reino, sendo o produto de um *kamma* com potência finita, é necessariamente impermanente. Os seres renascem de acordo com suas ações, experienciam resultados bons ou ruins, e então, quando o *kamma* generativo esgota sua força, eles morrem e renascem em um lugar diferente, também determinado por algum outro *kamma* que agora encontrou a oportunidade de amadurecer. Assim, tanto os tormentos do inferno quanto o êxtase dos planos celestiais, independentemente de seu tempo de duração, estão fadados a passar. É por tal razão que o Buda não situa o objetivo final de seu ensinamento em nenhum lugar dentro do mundo

condicionado. Ele guia aqueles de faculdades espirituais ainda tenras a aspirarem por um renascimento celestial, ensinando-os as linhas de conduta que levam à realização de suas aspirações (MN 41, MN 120). Contudo, no caso daqueles cujas faculdades estão maduras e que são capazes de entender a natureza insatisfatória de todas as coisas condicionadas, ele exorta o esforço determinado para pôr fim à errância no samsara e atingir o Nibbana, o qual transcende todos os planos da existência.